o monstrolinguismo da boca

Bruno Latini Pfeil
Cello Latini Pfeil

Doutorandos em Filosofia (UFRJ). Tradutores & anarquistas. Membros da Rede Brasileira de Filósofes Trans, da equipe editorial da Revista Estudos Transviades e pesquisadores do Observatório Anderson Herzer (IBRAT).

"Alguém já disse que casamento é uma vidraça pedindo tijolo"[1], declara Julia Serrano, personagem do romance *Como Esquecer – anotações quase inglesas*, da escritora brasileira Myriam Campello. Em meio ao luto que sucede sua separação, Julia se defronta com os anos de matrimônio, a relação conjugal, os contratos de aluguel e as contas pagas – o retrato de um passado que persiste como um espectro. Nada disso foi suficiente para comportar a materialidade do outro, sua organicidade – vivemos sempre à mercê de uma imagem que criamos do outro. O casamento nasce falido. Sua falência decorre de que as línguas precisam umas das outras, e em demasia. A univocidade que pivota o casamento nos induz à ilusão da permanência, da fixidez, e da rigidez – ou, como em breve escrevemos, da *secura* – de determinado conjunto de certezas: o 'para sempre' proferido por vezes com hesitação, por vezes com excitação, não passa de uma crença, de uma promessa do Um. O casamento nos parece tão ficcional quanto o Sujeito e, portanto, quanto os monstros que o acompanham por contraste. Essa instituição humana, tal como todas as que partem do pressuposto da perfectibilidade, demanda nossa crença.

1 CAMPELLO, Myriam. Como Esquecer - anotações quase inglesas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 14,

Precisamos *crer* no casamento para integrá-lo às nossas vidas, para que seja palpável, real; precisamos crer no Sujeito para nele nos espelharmos. Como pensou Derrida,

> Sempre que pedimos que acreditem na nossa palavra, estamos já, queiramos-lo ou não, saibamos-lo ou não, na ordem do que apenas é crível. Trata-se sempre do que é dado à fé, do que apela à fé, do que apenas é "crível" e portanto tão incrível quanto um milagre.[2]

Não é necessário pedir que se acredite no Sujeito. Esse nos é apresentado como uma verdade. A tradição filosófica ocidental possui como plano de fundo a promessa do Sujeito, de seu solipsismo, seu dualismo ontológico, sua busca pela verdade. Mas pede-se, por outro lado, que acreditemos no monstro, em sua ficção, ao menos por algum período de nossas vidas. Depois, pede-se que acreditemos em um arquétipo de monstruosidade, daquilo que seria considerado ameaçador, um risco à nossa humanidade. Acreditem em mim, que não existo. Acreditem em mim, que existo. Acreditem no que vocês acreditam sobre mim, mas não acreditem em mim. A língua humana, que se outorga o poder de nomear o monstro, de identificá-lo e eliminá-lo, caracteriza-se, tal como o casamento, pela demanda da crença. Em outro romance de Myriam Campello, a protagonista, Silvia, nos informa que "[...] nomear é a função dos reis da Terra"[3]. A língua é o exercício da fé. Apenas se traduz pela crença na compreensão; crença fajuta e ciumenta, pois não permite que o Outro fale, apenas que *se fale* o Outro. Esta fala, para Roland Barthes, é inerentemente fascista: "o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a

2 DERRIDA, Jacques. O monolinguismo do outro ou a prótese de origem. Porto: Campo das Letras, 2001, p. 34

3 CAMPELLO, Myriam. Adeus a Alexandria. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p. 100.

dizer"[4]. Aprisiona-se o Outro na língua do Eu ao nomeá-lo a partir da língua do Eu, a língua-Lei, que se determina como *a* língua, a única verdadeira.

A promessa do Sujeito, de se alcançar um conhecimento verdadeiro, foi traçada por Haddock-Lobo[5] em sua leitura do livro LX do *Novum Organum*, de Francis Bacon. Durante sua busca por um pensamento verdadeiro, Bacon tomou como exemplo a palavra *úmido* para designar aquilo que não poderia ser apreensível, que não seria desejado na filosofia.

> Tome-se como exemplo a palavra úmido e enumerem-se os significados que pode assumir. Descobriremos que esta palavra úmido compila notas confusas de operações diversas que nada têm em comum ou que não são irredutíveis.[6]

A umidade, ao contrário da secura, ou mesmo ao contrário das dicotomias modernas/coloniais, não pode ser propriamente medida. A umidade não possui um antônimo. Pode ser apenas sentida, percebida, e sempre em relação a quem se umidifica. Haddock-Lobo entende que a tradição filosófica ocidental, ainda que se engaje em um esforço para secar o pensamento, em um desejo por *logos*, racionalidade, distanciando-se de uma suposta barbaridade, se encontra rodeada por um espectro – "*o espectro do úmido*"[7], tal como o casamento não é capaz de comportar a multiplicidade do outro, a umidade das línguas. O Sujeito se encontra rodeado por um espectro – o espectro da monstruosidade.

---

4 BARTHES, Roland. Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2013, p. 13.

5 HADDOCK-LOBO, Rafael. Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, 453p.

6 BACON, F. LX Novum Organum, p. 30 *apud* Haddock-Lobo, 2007.

7 Haddock-Lobo, 2007, p. 62.

Aqui, pensamos que esse espectro da umidade é, também, monstruoso. A monstruosidade ronda a humanidade, que a evita, assim como a tradição filosófica ocidental evita a umidade, sem, contudo, conseguir dela se desvencilhar. Mas, então, pode-se definir a monstruosidade?

Luiz Nazário[8] classifica alguns aspectos da monstruosidade na dramaturgia, em seu livro *A Natureza dos Monstros*. O monstro é excessivo – boca larga e expansiva, dedos longos, dentes enormes, língua gigantesca, uma ausência profunda com aparições escabrosas, invasões orgânicas, parasitárias. Monstros não se contentam com pouco. Esse excesso monstruoso amedronta. Língua, olhos, boca, mãos são as regiões mais monstrificadas: a boca engole e regurgita, mastiga e enuncia, morde e cospe; as mãos agarram e largam; os olhos captam e transmitem. Regiões que lidam com o circuito dentro-fora, segurar-largar, engolir-vomitar. A corporificação da monstruosidade se revela pelo excesso dos elementos que tensionam o dentro-fora. Entre o dentro e o fora, há o hífen, que qualifica precisamente a noção de fronteira. O monstro se localiza nas bordas, indo e vindo, sendo empurrado para fora e retido ao alcance do humano. O monstro está e é a fronteira, o hífen, a te[n]são...

De certa forma, as monstruosidades contaminam a humanidade, tal como a umidade contamina a secura. A tensão que a monstruosidade provoca é sentida pela humanidade, como se houvesse uma separação entre ambos: de um lado natureza, de outro, cultura; de um lado monstro, de outro, humano. A modernidade possui como prerrogativa um arcabouço de distinções, mantendo o monstro *fora* do que se concebe como *dentro*. A

8 NAZÁRIO, Luiz. Da Natureza dos Monstros. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

caça aos monstros se volta para o *fora*: persegue-se a bruxa má que vive *fora* da cidade, na floresta; caça-se a criatura selvagem que chupa o sangue das ovelhas domesticadas; adentra-se a selva para se extirpar o monstro que nela vive. A imagem do monstro se associa com este cenário distante do humano, embora sempre à espreita, observando-o, ameaçando-o, tangenciando seus movimentos. Contudo, se os monstros tensionam essa dicotomia, borram essa tangente, não há fora, tampouco dentro. As monstruosidades hifenizam as fronteiras, nem-dentro-nem-fora. O hífen é um elo que reconhece uma separação ao passo que nela não se encerra. O hífen conecta aquilo que se entende por dentro e fora. Ponte-fronteira, efeito que une dois lados com a mesma mancha. Não existe língua impermeável, nem que *deseje* impermeabilizar-se. A língua produz o úmido, o hífen.

É a partir de um lugar hifenizado que Derrida escreve *O Monolinguismo do Outro*[9]. Franco-magrebino, Derrida se encontrava em um dentro-não-dentro, em um fora-não-fora, e reconheceu, com isso, que falamos uma língua que não é nossa, e que é a única que temos, que podemos falar, que nos é impelida. Não há fora da linguagem, somente dentro; há somente na linguagem, A língua, para Barthes, agrega em si invariavelmente o poder e a servidão, e o autor afirma: "não pode haver liberdade senão fora da linguagem"[10], mas não há exterior a ela, somente dentro, porém *tampouco* dentro. Mas como se pode ter uma língua que não é sua? É possível ter uma língua? É algo a se possuir?

9 DERRIDA, Jacques. O monolinguismo do outro ou a prótese de origem. Porto: Campo das Letras, 2001.
10 Barthes, 2013, p. 14.

"A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro"[11], escreve Derrida, mas a voz é minha. A língua dentro de minha boca é minha. Meu músculo, minha força flexível e contrátil, meus dentes e minha traqueia. A voz disseminada pela gestualidade é minha, pois se transmite por meu corpo. Língua que se conecta à laringe, que se conecta ao esôfago, que se conecta ao intestino, que se conecta... Língua em devir-boca, boca em devir-palavra, em devir-úmido. Deleuze e Guattari[12] caracterizam o mundo como um *phylum*[13] preenchido por máquinas que se acoplam e desacoplam, disjuntam e conectam, por meio de fluxos de desejo. Quando uma máquina se conecta a outra, necessariamente se desconecta daquilo no qual antes estava acoplada. Toda máquina é um devir-algo. Máquina-língua em devir-língua-do-outro, sempre úmida. Entre o seio e a boca, existe a língua, língua viva sem a qual não se poderia sugar e viver. Devir-boca-seio-língua-leite, língua impossível que possibilita a vida. Antes de traduzir, a língua dimensiona a deglutição, existe em umidade, salivação, salivivificação. A língua transborda do interior do corpo, de dentro para fora. A língua é um hífen.

A humanidade não se exime de seus excessos – em seu desejo de *logos*, de razão, de civilização. Se, por um lado, da humanidade nasce a monstruosidade, então a *lingua*gem é monstruosa em si mesma. Toda

---

11 Derrida, 2001, p. 39.

12 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

13 Os autores compreendem *phylum* como um conjunto comunicacional, um corpo de inscrições no qual ocorrem conexões, cortes, acoplamentos, rupturas. No campo da biologia, *phylum* se refere a um conjunto de organismos que compartilham determinados elementos em comum, formando o que seria um filo taxonômico. Com *phylum* maquínico, portanto, os autores se referem a uma maneira de se comunicar em que cada organismo opera como máquina e maquinista, conectando-se e disjuntando-se dos objetos que existem em seu mundo.

língua é monstruosa, excessiva e transbordante. Toda língua se coloca para fora da própria boca. Trata-se de um *monstrolinguismo da boca*. A umidade contamina e é contaminada. A umidade borra as fronteiras entre o dentro e o fora, pois mancha de ambos os lados, de modo que não existe lado, apenas mancha; língua que se alastra como fungo. Uma vez percebida, já nos encontramos nela, já fomos contaminados por sua porosidade. Aquilo que se compreende como a umidade do úmido é prontamente recusado pela tradição filosófica ocidental que se esforça por construir um pensamento seco, frígido, descorporificado, cujas normatividades se camuflam por trás da suposição do universal.

Essa suposição de secura da tradição filosófica ocidental nos remete ao que Wittgenstein[14], em *Da Certeza,* metaforizou como *hinges*, em português traduzidas como *dobradiças* (*DC*, 341, 343). Wittgenstein escreve que há certos pontos-fixos em nossa concepção de mundo que funcionam como as dobradiças de uma porta.

> 341. Isto é, as *perguntas* que formulamos e as nossas dúvidas dependem do facto de certas proposições estarem isentas de dúvida serem como que dobradiças em volta das quais as dúvidas giram.
>
> 343. Mas a situação não se assemelha a isto: *Não podemos* investigar tudo e por isso somos forçados a contentar-nos com suposições. Se queremos que a porta se abra, é preciso que as dobradiças lá estejam.
>
> 344. A minha *vida* consiste em eu contentar-me com aceitar algumas coisas.

Os movimentos que a porta faz dependem de que haja certezas em torno das quais a porta-boca abre e fecha, adquire, ou perde, mobilidade. Confrontar tais certezas desestabiliza por completo nossas possibilidades

14 WITTGENSTEIN, Ludwig. Da Certeza. Lisboa: Edições 70, 2012.

de movimentação, de dizer o que acreditamos serem as verdades do mundo. Nos apoiamos, em nosso mundo falogocêntrico, em elementos não-hifenizados. Suas dobradiças recusam o hífen, a borra e, portanto, o monstro. As coisas que nos contentamos em aceitar constituem, ainda que *nunca* por completo, nossa forma de vida, de modo que conflitos entre formas de vida – como veremos adiante – geram desacordos profundos, talvez irresolúveis. Uma das partes do desacordo, ou ambas, sairia desestabilizada.

Assim como Preciado[15], em seu discurso *Eu sou o monstro que vos fala*, preconizou que o regime cisheteropatriarcal nasceu em processo de falência e que logo mais será substituído por outras gramáticas, podemos pensar que talvez as *dobradiças* desse regime estão rangendo. A porta está emperrando, o ferro se enferruja pela *umidade*. Seus movimentos não dão conta das pessoas que desejam – ou não – passar por ela, justamente porque não se trata de um monolinguismo do outro, mas de um *monstrolinguismo* da boca. A língua é uma máquina, um músculo, que se conecta com as cordas vocais e se coloca constantemente para fora da boca, movimentando-se dentro dela. A língua monstruosa, do *monstrolinguismo*, necessariamente se projeta para fora da boca, pois se conecta com outras línguas. É uma língua que recusa o solipsismo e o dualismo [od]ontológico da tradição filosófica ocidental; é uma língua que busca por outras umidades, outras porosidades, e não se contenta com sua própria. Se Derrida escreveu que "jamais se habitará a língua do outro, a outra língua"[16], talvez possamos pensar que há um entrelaçamento

15 PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas Trad. de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.
16 Derrida, 2001, p. 88

linguístico pelo beijo ou, em outros termos, por experiências de alteridade radical, germinal, uma contaminação que se deseja contaminar. Uma contaminação, como escreve Anna Tsing[17], da invariável perturbação da condição vivente. A perturbação é estritamente necessária para o mutualismo. Espécies se perturbam, se conhecem. É pela perturbação que ocorre a troca. Contaminação contrassexual, distante da monogamia filosófica e de sua almejada univocidade.

Uma ética monstrolinguística, necessariamente afetiva: se um beijo não se encaixa, que se busque outros, que se busque outros devires, outras máquinas a se acoplarem. A língua se dobra, se contorce para movimentos que extrapolam as dobradiças de uma porta. Ainda que nos seja necessário estar de acordo com determinada concepção de mundo para, então, falar dele – ou não de acordo, mas em um encaixe que nos faça caber nele –, o falogocentrismo parece ser uma dobradiça por si mesma, se outorga o poder de definir as dobradiças, assim como o material da porta, sua dimensão, e quem pode abrir ou fechá-la, entrar e sair. Trata-se do exercício da soberania, da língua enquanto Lei, código que determina como se deve articular, abrir e fechar, sair e entrar. A língua está imiscuída em poder, porém não o vemos, "porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva"[18]. A língua-Lei classifica não somente ao nomear, mas ao determinar-se enquanto *a* língua, aquela através da qual existe *o* mundo. A língua-Lei oprime ao não reconhecer a multiplicidade das bocas.

---

17 TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
18 Barthes, 2013, p. 11.

"O monolinguismo do outro seria *em primeiro lugar* esta soberania, esta lei vinda de algures, sem dúvida, mas seria também e em primeiro lugar a própria língua da Lei. E a Lei como Língua"[19]. O falogocentrismo monolíngue não é apenas uma dobradiça, como também a porta, ou mesmo o cômodo que a porta tranca, a língua que a boca tranca entre os dentes. O monolinguismo não possibilita o beijo; tem como prerrogativa a impossibilidade de que o outro fale outra língua, ou fale com sua língua monstruosa, ou *fale* – "O monolinguismo do outro tem certamente o rosto e os traços ameaçantes da hegemonia colonial"[20], hegemonia que afirma a dicotomia entre o humano e a natureza monstruosa, e Tsing[21] complementa: "O Homem entra em erupção nos encontros coloniais".

"Como os humanos podem agir como uma força autônoma se o nosso "nós" inclui outras espécies que fazem de nós quem somos?"[22]. O monolinguismo afirma a univocidade do humano, sua autossuficiência, sua imaculabilidade corporal; corpo fechado, impenetrável, perfeito, que não se abre, não se conecta; tampa seus orifícios, rejeita qualquer contato com os Outros, rejeita mucosas outras que não a sua própria. A modernidade institui uma destreza técnica em vias de triunfar sobre a natureza, sobre o monstro que é e que habita a natureza, determinando a fronteira entre a terra e o asfalto. Para que a destreza triunfe, é preciso extirpar as relações mutualistas, a contaminação, afirmando a impenetrabilidade do humano – embora este se legitime a tudo penetrar, colonizar, *secar*. O humano não se deixa contaminar, e pensa que, assim, está limpo, puro e seguro,

19 Derrida, 2001, p. 56
20 Derrida, 2001, p. 102.
21 Tsing, 2019, p. 211.
22 Tsing, 2019, p. 73-74.

prontificando-se a eliminar o que quer que lhe surja como ameaça. Mas não se recorda, porém, que, onde quer que esteja, haverá monstros: aqueles que saem de seu corpo, que exalam por seus poros, que babam de sua boca, ou que o próprio humano busca, transbordando de desejo. O humano necessita do monstro, o monstro é próprio do humano, como sua sombra – que se alastra ao Outro e o incorpora. A relação entre o humano e o monstro é semi[amni]ótica: o nascimento do monstro equipara-se à gestação humana, em que o feto se percebe inundado pelo fluido amniótico que garante sua sobrevivência intrauterina. A língua, nos conta Barthes, "implica uma relação fatal de alienação"[23]. O humano, Sujeito de si, atribui ao Outro uma monstruosidade, caráter de ameaça radical, de modo que não haja Outro sem Sujeito, nem monstro sem humanidade, nem humano sem monstruosidade.

Naturalizações modernas/coloniais/biomédicas nos colocam em contraposição a um ideal de monstruosidade: não se deve ser monstro, mas se é monstro. Quando Suzy Shock[24] poetiza "*Eu, monstro meu*", rebela-se contra o ideal de ser-não-monstro. Tensiona-se a imagem subjacente a uma forma de vida moderna-colonial e concebem-se *formas-de-vida*, pois o hífen umidifica a anti-fronteira entre forma e vida. Hífen-é-devir. De-vir-... As colisões entre humanidade e monstruosidade [de]mo[n]stram, em nossa concepção, conflitos entre formas de vida e formas-de-vida; entre fronteiras borradas.

---

23 Barthes, 2013, p. 12.

24 SHOCK, Susy. Yo, monstruo mío. Plástico Revista Literária, 2021. Disponível em: https://revistaplasticocom.wordpress.com/2021/06/18/reivindico-mi-derecho-a-ser-un-monstruo-susy-shock/.

Há um modo de interpretar conflitos como esse. Robert Fogelin[25], em 1985, definiu *desacordos profundos* como choques entre formas de vida, desacordos aparentemente irreconciliáveis, irresolúveis, considerando que, no plano de fundo das formas de vida, há conjuntos de dobradiças, que algumas autorias, tal como Moyal-Sharrock[26], consideram inquestionáveis e não passíveis de justificação. Tentativas de corromper essas dobradiças desestabilizariam totalmente os movimentos da porta, as aberturas da boca. Assim, nascem os desacordos profundos. Diante da impossibilidade – há quem discorde – de resolver 'racionalmente' um desacordo profundo, nossas tentativas apenas nos conduziriam à ruptura comunicacional, ou então aprofundariam ainda mais o desacordo.

Talvez se possa argumentar que, como falamos a mesma língua – porque falamos não outra língua, mas a língua do outro, a língua que nos vemos impelidos a adestrar em nossa língua –, nenhum desacordo seria profundo, já que, de todo modo, há a possibilidade de comunicação. Podemos discordar, mas não deixamos de nos compreender. Não entraremos nesse debate extenso aqui. Há autorias que o fazem em outros espaços. Nos interessamos não por medir a profundidade de um desacordo, nem para descobrir se desacordos profundos seriam passíveis de resolução racional; por outro caminho, nos interessamos pela recusa da racionalidade que a tradição filosófica ocidental considera como o único caminho desejável de resolução. Consideramos que não há caminho único, pois não há somente uma língua.

---

25 FOGELIN, Robert. The Logic of Deep Disagreements. Informal Logic, v. 7, n. 1, 1985, p. 6.
26 MOYAL-SHARROCK, Danièle. A certeza fulcral de Wittgenstein. Dissertatio, volume suplementar, junho/2015.

"*Uma* língua não existe. Presentemente. Nem a língua"[27], existe a língua que se choca contra meus dentes, as línguas dentro das bocas dos outros, as línguas bifurcadas, as que lambem e se enroscam por sobre si. A língua faz mais que falar: lambe, contrai, empurra, chupa, engole, esmaga, regurgita, saliva, cospe. A língua umidifica. Pode-se secar as mucosas da boca? A boca que se disjunta, que se conecta por dentro de si mesma, ou por outras superfícies que a inundam ou que a façam inundar, é uma boca sempre úmida – o terror da tradição filosófica ocidental. O terror da boca é a secura. A ansiedade que seca e extirpa o úmido, que não permite movimento, que nos faz refém de nossas dobradiças; que nos faz constantemente lidar com um estado de ansiedade diante da fragilidade de nossas certezas, frágeis justamente por serem tão rígidas e, com isso, enferrujadas.

O monolinguismo do Outro, carregando em si sua hegemonia colonial, parece conter em sua fundação um desacordo, ou um conjunto de desacordos; um desacordo que não pode ser resolvido pelos caminhos modernos/coloniais de racionalidade, pois a eleição desses parâmetros como necessários para uma resolução constitui-se já como elemento do monolinguismo, como um desejo de *logos*, uma suposição de secura.

Em julho de 2025, enquanto caminhávamos por Santa Teresa (RJ), passamos por um poste – elemento bastante simbólico – onde havia o grafite "*A melhor tradução entre duas línguas é o beijo*"[28].

27 Derrida, 2001, p. 97.
28 A autoria da frase não foi encontrada, sendo atribuída a um grafite anônimo.

A MELHOR
TRADUÇÃO
ENTRE 2 LÍNGUAS
É
O BEIJO

Pois bem, se Deleuze escreve “eu sou legião”[29], incompreendendo a unicidade do lobo e manifestando seu matilhamento, então dizemos, com toda a extensão de nossas bocas, o devir-multilíngue. Um devir que supõe a possibilidade de desacordo porquanto seja necessária a multiplicidade. Não se pode individualizar o eu, tampouco afirmá-lo. Um beijo bom não é duro, seco, estático, mas úmido, mole, gosmoso. Beijo é matilhamento germinal: a confluência de duas ou mais mucosas, a hifenização da língua. Não se possui língua, se é língua enquanto cobra dentro da boca – serpente do Éden contida na musculatura laríngea. O beijo faz das bocas terrenos de inscrição salivar. Não se pode beijar sozinho. Com Barthes, desejamos que existam “tantas linguagens quantos desejos houver”[30]. Desejamos que as línguas se articulem não pela Lei, mas por suas próprias leis, pelas contingências de cada musculatura. Que nenhuma língua impeça outra de submergir, de transbordar, e que se entrelacem. Urgimos pela monstrificação das línguas, pelos monstrolinguismos das bocas, pela abertura mandibular. O monolinguismo opera pelo trismo[31]: o fechamento da mandíbula, o rangimento da articulação temporomandibular, dobradiças enferrujadas, gastas e secas. Monstrolinguismos contrariam o fechamento [od]ontológico do Eu: a língua que lubrifica de dentro para fora e é lubrificada pelas Outras línguas. Escrevemos aqui, então, a partir de e por um monstrolinguísmo não do Outro, não do Eu, mas da boca.

29 Deleuze, 1997, p. 16.
30 Barthes, 2013, p. 23.
31 Condição em que a pessoa não consegue abrir a boca completamente e enfrenta dificuldades de mastigação e mobilidade na mandíbula.